

O mês de fevereiro foi marcado pelo aumento da volatilidade nos mercados globais, dado a maior aversão ao risco gerado pela intensificação do conflito geopolítico entre Rússia e Ucrânia. O assunto colocou em segundo plano as pautas de decisões de política monetária e preocupação do mercado em relação a retirada dos estímulos monetários.

A decisão do presidente da Rússia, Vladimir Putin, de invadir a Ucrânia, gera uma série de consequências econômicas no mundo inteiro, principalmente quando olhamos para os preços internacionais das *commodities*. Isso porque os dois países envolvidos no conflito são importantes produtores de *commodities* energéticas, agrícolas e fertilizantes.

Os impactos potenciais da guerra já estão sendo refletidos nos preços desses ativos, como por exemplo o petróleo, que bateu a faixa dos 100 dólares o barril, ainda no mês de fevereiro, uma alta de mais de 10% no mês.

Além disso, os EUA estão implementando sanções contra a Rússia, que em um primeiro momento foram tomadas medidas sobre a dívida soberana do país e sobre os bancos.

Algumas empresas americanas e europeias anunciaram que estavam deixando as suas operações na Rússia, como a Shell, ExxonMobil, a norueguesa Equinor, a britânica BP e até a Visa e Mastercard baniram bancos

russos de suas redes. Já companhias como a Apple e a Nike interromperam as vendas de seus produtos no país, e a Adidas retirou o patrocínio da Federação Russa de Futebol.

Os desdobramentos do conflito vão ser monitorados de perto pelo mercado, pois o mundo pode entrar em um processo que chamamos de estagflação, um cenário onde a inflação é alta, mas com baixo ou nenhum crescimento econômico.

Sobre a temática de aumento de preços, foram divulgados dados de inflação nos EUA, que vieram acima das expectativas, o que corroborou com o comunicado trazido na ata do FED, reafirmado que o aumento das taxas de juros deveria acontecer em breve.

No Brasil, a prévia do IPCA veio em +0,99% m/m surpreendendo o mercado que esperava alta de 0,87% m/m. O dado preocupa, já que antes do conflito entre Rússia e Ucrânia o país já vinha apresentando números mais altos do que o esperado. A tendência é de aceleração mais forte, com dólar se valorizando e aumento de *commodities* afetando combustíveis e energia, e a cadeia alimentar, na frente de agrícolas.

Dando continuidade com o fluxo positivo de capital estrangeiro, o *valuation* atrativo das ações na bolsa brasileira continua atraindo investidores. No mês houve entrada de R\$ 30,1 bilhões na B3.

No mês, o fundo teve uma performance positiva de 2,67%, enquanto seu benchmark (IBrX) subiu 1,46%. As ações que mais contribuíram para essa performance acima do mercado, foram novamente papéis ligados ao setor de commodities (PETR4 e VALE3), onde possuímos posição maior do que o índice possui.

Setores	-	neutro	+
Mineração			●
Papel e Celulose			●
Petróleo e Petroquímica			●
Varejo			●
Bancos		●	
Bens de Capital		●	
Lazer e Serviços		●	
Saúde e Educação		●	
Alimentação e Bebidas	●		
Construção e Shoppings	●		
Distribuição	●		
Financeiras	●		
Regulados	●		
Siderurgia	●		
Tecnologia	●		

*a tabela mostra as posições de menor (-), maior (+) ou igual concentração da carteira em relação às respectivas concentrações do benchmark – IBrX

O portfólio do fundo continua posicionado principalmente nessas empresas, que se beneficiam de um cenário de inflação global. Entretanto, estamos atentos em relação ao assunto, dado que os temores sobre o

aumento de preços podem estar sendo exacerbados com a escalada das tensões geopolíticas, tendo como um dos motivos uma possível falta de insumos, interrompendo cadeias produtivas.

Seguimos acreditando que a alta da bolsa esse ano está ligada ao grande peso que essas empresas têm nos índices Ibovespa e IBrX, e são companhias que o investidor busca para compor o portfólio em momentos como o que estamos passando.

Gráfico 1. Distribuição da Carteira por Ciclos de Negócios

